REVISTA Língua & Literatura
ISSN 1984-381X

De caos e âncoras: o poema na perspectiva do sujeito-leitor, entre a estética e o discurso

Of chaos and ancorms: the poem in the perspective of the subject-reader, between aesthetics and discourse

Milena Karine de Souza Wanderley[1]

Resumo: Nesse artigo pretendemos discutir como a multiplicidade de referenciais discursivos incide diretamente sobre os gestos de leitura de textos poéticos que se realizam através do poema. Baseados nos questionamentos apontados por Freda Indursky (2001) no segundo capítulo de *A Leitura e a escrita como práticas discursivas* sobre a heterogeneidade discursiva na prática da leitura, na caracterização e poesia e poema de Octávio Paz em *O arco e a Lira* (1982) e nos esclarecimentos acerca do estético no âmbito literário tecidos por Bakhtin em *Estética da criação verbal* (2003) e *Questões de Literatura e Estética* (2010). De acordo com o apresentado, objetivamos traçar um percurso analítico que procura: apontar a necessidade de uma abordagem estética e discursiva no trabalho com a leitura de poemas na contemporaneidade, discutir como se dá a especificidade da arquitetura discursiva no plano estético / literário no que tange a sua heterogeneidade típica e finalmente reconhecer como a musicalidade típica dessa forma textual pode auxiliar na construção de um arcabouço cultural humanizador ao passo que o sujeito-leitor organiza e desorganiza a materialidade poemática para internaliza-la e preencher-se de poesia.

Palavras-chave: Poema. Leitura. Análise do Discurso. Teoria Estética.

NA CONTEMPORANEIDADE, PRETEXTO PARA POESIA

Em face de um cenário em que a superfície toma conta das visões de mundo e afasta o homem das atuações de empatia, práticas que leitura que venham desconstruir esse contexto são mais do que profícuas, são necessárias para que haja a articulação de uma mudança cultural em que o indivíduo se relacione com o outro e consigo de forma empática. Ser tocado pelo poético, nesse tempo, é imprescindível para que o tempo seja

[1] Graduada em Letras - Língua Portuguesa (Licenciatura) pela Universidade Federal de Pernambuco (2010), Mestra em Letras, Estudos Literários, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2015) e Doutora em Letras, Estudos Literários, nessa mesma universidade. E-mail:milena.wanderley@gmail.com

experienciado de modo com que as teias de conexão construam um caminho sólido de compartilhamento na plurirreferencialidade do hoje.

O filósofo Giorgio Agamben em *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (2009), nos dá uma pista do que vem a ser a importância do poeta e seu olhar para o tempo em que vive. No segundo ensaio dessa obra, o filósofo, numa de suas definições acerca da relação do sujeito com o tempo em que se vive, tece que ser contemporâneo significa também estar coadunado com o referencial temporal que subjaz toda produção poética, ou seja, mais que sincrônico com o tempo em que se vive, o contemporâneo compreende a capacidade de nos munirmos de ferramentas que permitam a recepção honesta diante do poético. Entende-se aqui o poético como toda substância capaz de transcender a visão que se tem da obra, sendo ela um constructo cujo compromisso estético subverte a própria noção de tempo tendo em vista que sua realização se dá sempre no contato, na interação. Nas palavras de Agamben, "O poeta enquanto contemporâneo, é essa fratura, é aquilo que impede o tempo de compor-se e, ao mesmo tempo, o sangue que deve suturar a quebra" (AGAMBEN, 2009, p. 61). Seguindo numa crescente no que tange a percepção temporal, ser contemporâneo, de acordo com a segunda definição de Agamben, significa procurar enxergar nas trevas do presente essa luz que ainda está por existir, que ainda está a viajar milhares e milhares de anos-luz, mas que, ainda sim, está lá, latente. Para articular tal procura, segundo o filósofo, há de se ter coragem, há de se estar aberto para o se aprofundar nas trevas e tatear nelas o tempo, "Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo" (AGAMBEN, 2009, p. 65). Perceber essa fratura temporal e tatear os sentidos no escuro é um gesto de leitura, um modo de percepção, que ultrapassa a superfície das concretudes e objetificações. Todavia, embora o poético possa constituir as percepções do plano do não verbal, como bem postula Octávio Paz na diferenciação entre poesia e poema na introdução de *O arco e a Lira* (1982): "há poesia sem poemas; pessoas paisagens e fatos podem ser poéticos: são poesia sem ser poemas" (PAZ, 1982, p. 16), interessa-nos aqui discutir o porquê da necessidade da mobilização de gestos de leituras específicos frente ao poema, realização verbal da poesia, e suas diversas formas composicionais.

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

Para Paz (1982), "o poema é feito de palavras, seres equívocos que, se são cor e som, também são significado" (PAZ, 1982, p. 22), e se o poema corresponde essa dimensão verbal do poético, ele também será discurso: "palavra em movimento, prática de linguagem" (ORLANDI, 2012, p.15), cujo estudo observa o homem falando. Segundo Orlandi em *Análise do discurso: princípios e procedimentos* (2012), por meio do estudo do discurso,

> (...) se pode conhecer melhor aquilo que faz o homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2012, p. 15).

Temos aqui dois dados importantes e que, aparentemente, se colidem, mas que na verdade se completam: a dimensão poética subjacente à natureza do poema e o fato de sua dimensão linguística desenhá-lo também como discurso. E é nesse ponto que se observa a necessidade de enxergar também as dimensões específicas que constituem as mônadas do poema como enunciado específico de uma dimensão específica da linguagem: a estético/literária, que para Bakhtin (2010) em *Questões de Literatura e Estética* pode ser resumida da seguinte forma:

> *Portanto, o componente estético, que por ora chamaremos de imagem, não é nem um conceito nem uma palavra, nem uma representação visual, mas uma formação estético-singular realizada na poesia com ajuda da palavra, nas artes figurativas com a ajuda de um material visualmente perceptível, mas que não coincide em nenhum lugar nem com o material nem com uma combinação material qualquer*. (BAKHTIN, 2010, p. 53, grifos do autor)

Para a tarefa de pensar essa dimensão no que tange à natureza discursiva, precisa-se também pensar na figura do enunciador autor na atividade estética de modo com que se tenha clareza sobre como o poético fratura as âncoras discursivas que apregoam os sentidos ao enunciador quando, na verdade, o vazamento de vozes se dá pelo engendramento arquitetônico de um universo semântico caótico. Eis que, nesse

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

âmbito, a ilusão de conclusão do efeito-texto[2] no que tange à arquitetura poemática não está comprometida com a linearidade que busca um sentido pragmático aparentemente unívoco, no universo estético/literário a heterogeneidade discursiva é necessária, ela é assumida e incide fortemente sobre a coalisão que se constrói entre forma e conteúdo a fim de que sejam engendrados mais do que sentidos que concluem a "noção" de "entendimento", mas um apropriar-se da multirreferencialidade discursiva do poema de modo com que o sujeito-leitor mobilize também as vozes que o constitui e interaja com o texto preenchendo-o com sua subjetividade e alcançando níveis de relacionamento que dependerão não só de seu arcabouço cultural discursivo, mas também do quanto os sentidos estão hermeticamente engendrados ou não. Tal movimento, na maioria das vezes, se dá de modo natural quando o sujeito-leitor se sente convidado a interagir com o texto sem que haja mediações cerceadoras. Face ao posto, o que se observa, no que tange ao trabalho com o texto poético/poemático, é que ele tem sido trabalhado como pretexto para análises de natureza estrutural no âmbito do objetivismo abstrato (BAKHTIN, 2008, p. 91), favorecendo, dessa forma, uma permanência em contextos de análises superficiais e artificiais como aponta Helder Pinheiro (2008) no teu artigo *Caminhos da Abordagem do Poema em sala de aula*:

> (...) passou-se para o ensino fundamental e médio um modelo de abordagem com o poema que prima pela análise e interpretação, esquecendo-se, muitas vezes, o horizonte de expectativa dos leitores – crianças e jovens – ou lançando-se mão dos poemas meramente para estudar gramática, teoria do verso, vocabulário e, nalgumas obras, como estímulo à criação. (ALVES, 2008, p. 20)

Essas são as práticas que aqui chamamos de cerceadoras e que vem promovendo um afastamento do sujeito-leitor dos textos de natureza poético poemática na

[2] "Chamo de *efeito de textualidade* para não confundir com *textualidade*, que é qualidade do texto, noção formulada pela Lingüística Textual. Para esse campo do conhecimento, a textualidade é decorrência da coesão e da coerência de um texto, ou seja, é uma *qualidade textual* que deriva de seu modo interno de organização. Enquanto o *efeito de textualidade,* por mim proposto, vai muito além da organização linguística interna do texto, embora passe por ela também. O *efeito de textualidade* é uma *qualidade discursiva* que deriva da inserção e textualização de recortes discursivos provenientes de outros textos, de outros discursos, enfim, do interdiscurso." (INDURSKY, 2001, p. 31, grifos da autora)

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

contemporaneidade, já que, diante de tal prática, a própria noção de sujeito é anulada. Enxergamos, dessa forma, a necessidade de repensá-las à luz da Análise do Discurso através das contribuições de Freda Indursky (2001) no que diz respeito ao processo de leitura e da Teoria Estética a partir dos questionamentos de Mikhail Bakhtin em *Estética da Criação Verbal* (2003) e em *Questões de Literatura e Estética* (2010), no âmbito da especificidade arquitetônica dos textos de natureza estético/ literária.

O LITERÁRIO E A HETEROGENEIDADE ARQUITETÔNICA

No âmbito estético/literário, o autor precisa ter a habilidade de emular discursos para que suas personagens tenham vozes autônomas, para que ele, o autor, por conta da consciência desse vazamento de si, entenda-se primeiro como um arquiteto de vozes. Assim, quando Barthes (2004) fala da morte do autor, ele fala da necessidade da autonomia das vozes no texto. E para que se configure esse distanciamento há de se lançar mão de recursos estéticos que tornam o texto literário tão específico. Por isso, aqui, os gestos de leitura para reconhecimento das forças discursivas precisam passar pelo reconhecimento das manipulações estéticas que residem não apenas na materialidade linguística, mas, principalmente, no evento discursivo. É o dizer que está para muito além do "querer dizer". Ou, nas palavras de Bakhtin (2010) e Indursky (2001):

> Numa obra poética, as palavras organizam-se, por um lado, no conjunto das orações, do período, do capítulo, do ato, etc., e por outro, constroem o conjunto da aparência do herói, de seu caráter, de sua situação, de seu ambiente, de sua conduta, etc., e, enfim, o conjunto do evento ético da vida, esteticamente formulado e acabado; com isso deixam de ser palavras, proposições, estrofes, capítulos, etc. O processo de realização do objeto estético, ou melhor, da tarefa artística na sua essência, é um processo de transformação sistemática de um conjunto verbal, compreendido linguística e composicionalmente, no todo arquitetônico de um evento esteticamente acabado; naturalmente, todas as ligações e inter-relações verbais de ordem linguística e composicional transforma-se em relações arquitetônicas extraverbais. (BAKHTIN, 2010, p. 51)

> O texto é, pois, uma unidade de análise, afetada pelas condições de sua produção, a partir da qual se estabelecerá a prática de leitura. Em

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

> função disso, podemos acrescentar, de imediato que, para a Análise do Discurso, a organização linguística interna ao texto é o que menos interessa. O que está em jogo para a Análise do Discurso é o modo como o texto organiza sua relação com a discursividade, vale dizer, com a exterioridade e o modo como organiza internamente estes elementos provenientes da exterioridade para que produzam o efeito de um texto homogêneo. (INDURSKY, 2001, p. 28)

Entendendo que a essência do discurso nunca estará na superfície, nela só observamos indícios, sinais que suportam o mergulho necessário quando se trata da leitura de um texto poético, é que entendemos que ela, a essência do discurso, está além. E suas mônadas são alcançadas através de gestos de leitura que exigem do indivíduo aparatos específicos, um deles, indispensável para a execução desse gesto é a alteridade, que, para Bakhtin, é o modo como se dá a realização do evento estético: "Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê" (BAKHTIN, 2003, p, 23), assim, na vida, quando nós respondemos axiologicamente a presença do outro, nós o fazemos segundo uma perspectiva definida diante do que nos constitui como sujeitos em face dos diversos dispositivos[3] que incidem sobre a nossa subjetividade arquitetando, através das diversas vozes que nos atravessam, o modo como nos relacionamos esteticamente com o outro, com o mundo e com o texto, tanto no que diz respeito às mobilizações arquitetônicas realizadas pelo sujeito-autor, como no tocante aos gestos de leitura que são mobilizados na relação que o sujeito-leitor estabelece com o texto.

Se o texto "consiste em uma *heterogeneidade estruturada* pelo trabalho discursivo do sujeito-autor, a partir de sua posição sujeito, decorrendo daí a tessitura e o efeito de unidade de sentido desse texto" (INDURSKY, 2001, p. 31, grifos da autora), no processo de estruturação do texto literário há de se levar em consideração, no que concerne às demandas das exterioridades, como as condições de produção incidem

[3] Aqui nos vale a noção de dispositivo que Agamben (2009) toma emprestado de Michel Foucault em *O que é o contemporâneo?*: "a. É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.; b. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder.; c. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber." (AGAMBEN, 2009, p. 29)

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

sobre o texto e quais são as estratégias de arquitetura estética que estarão implicadas na conclusão do texto. Ou seja, a heterogeneidade discursiva se relaciona com a arquitetura formal do texto. Nesse sentido, essa arquitetura também é discurso, ela também diz, ela, a forma, é voz. O modo de organização arquitetônico do texto literário também corresponde a essa heterogeneidade estruturada da qual trata Indursky (2001).

Na literatura, a forma também é uma unidade significante tensamente ativa e fundamental para que se conclua o texto, sobretudo, quando se trata de textos de natureza arquitetônica Lírica, tendo em vista que a ilusão de "homogeneidade" do texto nesse plano é articulada através da relação profícua entre forma e conteúdo. Assim, quando o sujeito-autor ressignifica as palavras já ditas em outro lugar através do esquecimento para que elas possam ressoar como novas (INDURSKY, 2001, p. 32), o sujeito-autor produtor de poesia também segue esse percurso de apropriação – esquecimento – ressignificação no âmbito da forma já que dentro do universo estético/literário a forma é uma unidade significante cujas relações são estabelecidas por diversos dispositivos um deles, tensamente ativo sobre a arquitetura formal, é a tradição: "Se entiende por tradicíon la transmisíon de uma generacíon a outra de noticias, leyendas, historias, creencias, costumbres, formas literarias y artísticas, ideas, estilos" (PAZ, 1990, p. 17). Nesse sentido, quando o sujeito-autor pensa negar a tradição através da ruptura com modos de dizer previamente estabelecidos, ele, na verdade, dialoga, interage com ela através de outra noção ilusória: a da arbitrariedade. Não obstante, quando o autor passa a ter essa "consciência" de que, de fato, não há arbitrariedade que não seja atravessada, aceita as vozes que emerge de si e passa a trabalhar com elas, ele produz a fratura discursiva que aqui também identificamos como poesia. Assim, o efeito-texto no plano estético/literário também "é um espaço discursivo simbólico porque seu fechamento é simbólico e sua completude também o é" (INDURSKY, 2001, p. 33), embora essas noções de fechamento e completude sejam ilusórias.

Ler é também mobilizar capacidades específicas de construção de sentido e quando se trata de texto literário essas mobilizações se dão também no plano estético. O leitor que também é um sujeito ativo na conclusão do efeito-texto é "interpelado ideologicamente e identificado com uma Formação Discursiva" (Idem, 2001, p. 34) que

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

encaminha gestos de leitura tendo ela como ponto axiológico. Ela, a Formação Discursiva, diante das massas arquitetônicas líricas, é fundamental para construção de sentido do efeito-texto em vários níveis igualmente heterogêneos, já que a construção enunciativo discursiva no que tange à arquitetura lírica alcança outras proporções tendo em vista o desarranjo semântico e o compromisso com a música contínua ou descontínua que é de sua natureza. Aqui, o autor, que não é dono de sua voz, constrói, por meio de atravessamentos, um universo simbólico cujas dimensões são múltiplas e cujos relevos são definidos pelos procedimentos de leitura que são mobilizados na interação leitor – obra.

Sobre a especificidade da arquitetura lírica, Emil Staiger em *Conceitos Fundamentais de Poética* (1977), postula que

> Nem somente a música das palavras, nem somente sua significação perfazem o milagre da lírica, mas sim ambos unidos em um. Não podemos, todavia, criticar se alguém se abandona mais ao efeito imediato da música; pois mesmo o poeta sente-se quase inclinado a dedicar uma certa primazia à parte musical, e, desvia-se, por vezes, das regras e usos da linguagem determinados pelo sentido, a bem do tom ou da rima. (STAIGER, 1977, p. 08)

Se é da natureza lírica o compromisso da palavra com o ritmo, com a música, em detrimento de um sistema linguístico cuja ficção de imutabilidade e homogeneidade já foi discutida, as análises que presam pela superfície estrutural, seja de ordem morfológica, sintática ou estilística, proporcionam uma experiência de leitura árida com a qual o leitor não se identifica por conta da desvirtuação das intenções arquitetônicas do poema cujo efeito de sentido está atrelado à união da forma com o conteúdo, como dissemos. A simbiose perceptível entre forma e conteúdo é o que articula os efeitos de sentido que, diante das possibilidades de arquitetura lírica, são múltiplos porque levam em consideração as experiências de vivência de identidade linguística e do todo cultural que forma o sujeito-leitor que "entra em interlocução com o sujeito-autor através do efeito-texto" (INDURSKY, 2001, p. 35) tendo em vista que é

> (...) no relacionamento e na orientação direta para a unidade da cultura que o fenômeno deixa de ser um mero fato, simplesmente existente, adquire significação, sentido, transforma-se como que numa mônada que reflete tudo em si e que está refletida em tudo. (BAKHTIN, 2010, p. 29)

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

E que,

> (...) nenhum ato cultural criador tem relação com uma matéria indiferente a valores, totalmente casual e desordenada – a matéria e o caos são geralmente noções relativas; mas ele se relaciona com algo já apreciado e de certa forma ordenado, perante qual agora ele deve se ocupar, com conhecimento de causa, sua posição axiológica. (BAKHTIN, 2010, p. 30)

Com efeito, o sujeito-autor e o sujeito-leitor, diante do texto de arquitetura lírica ocupam posições axiológicas diferentes diante do todo que envolve tanto o ato cultural de criar e o ato cultural de ler, ambos caóticos, heterogêneos, todavia pautados na busca pela conclusão do efeito-texto, ambos em busca do caminho arquitetônico que aponta para a construção do efeito de sentido.

A realização lírica tem profunda relação com as interioridades. Mas não só delas vive e nem só delas vêm a sua manifestação. Decerto que a arquitetura lírica possui essência subjetiva, mas a captação dos espaços, das vozes, do etéreo e do sensível diante dos diálogos estabelecidos pelos sujeitos-autores tem mostrado toda uma diversidade de formas de realizações composicionais. Assim, quando se trata do lírico, as questões são mais profundas, já que, diante das possibilidades de criação composicional, existe toda uma gama de procedimentos articulatórios que esculpem na matéria linguística as marcas discursivas de um indivíduo plurissignificativo, isso tanto no que tange a condição de existência do homem moderno, quanto no que diz respeito à própria natureza de humanidade. Desta feita, é na poesia que podemos encontrar a nossa porção mais humana em sua pluralidade face à construção dos significados que nos formam como indivíduos, já que nela os gestos de alteridade são fundamentais para que o sujeito-leitor construa, ele mesmo, seu eixo de relacionamento com o poema produzindo um efeito-texto que, por sua vez, é carregado das vozes que a sua subjetividade ativou no processo de leitura. Todavia, "vale dizer que o texto em si não garante que o sujeito-leitor perceba toda a alteridade que o constitui" (INDURSKY, 2001, p. 36), ou seja, esse movimento é feito pelo sujeito-leitor sem que ele, obrigatoriamente, saiba que o faz.

O modo como texto de arquitetura lírica se constrói, no que tange a complexidade de suas forma e conteúdo, vai pedir diferentes gestos de leitura do

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

sujeito-leitor que os mobilizará de acordo com o lugar social que ocupará diante da conclusão do efeito-texto. Nesse processo, quando se trata de textos poéticos enformados em poemas, há de se levar em consideração não só a complexa rede discursiva na qual está inserido o sujeito-autor e o sujeito-leitor, mas também o nível de complexidade estética do poema.

O estético, aqui, é essa complexa rede discursiva cujas vozes irão incidir não só sobre o conteúdo, mas também sobre a forma, ou seja, dentro de um sistema histórico literário. Um soneto, forma popularizada no século XV, cuja caracterização reside na construção de um texto poético enformado em quatorze versos divididos, segundo a tradição petrarquiana, em dois quartetos e dois tercetos simetricamente ritmados, com rimas sonoras, que permanece como uma das formas poéticas composicionais mais popularizadas em Língua Portuguesa desde Camões, quando articulado nos diferentes contextos históricos revelará intenções de articulação diferentes por parte do sujeito-autor que, quando faz uma escolha formal, constrói, nesse âmbito, um diálogo com o que, geralmente, veio antes dele na perspectiva de reelaboração, desconstrução, negação ou reafirmação da forma. Nesse sentido, a percepção dessa heterogeneidade estruturada, no âmbito do texto de arquitetura lírica, se dá no diálogo da forma com o conteúdo, havendo vozes que podem coincidir ou não sobre esses dois planos.

Todavia, é preciso que se diga, no caso do poema, até a forma dos versos assimétricos podem revelar diálogos. No plano estético/literário, como na vida, nenhum discurso é unívoco e nem nasce em si mesmo. E todo processo de leitura de textos dessa natureza deve levar em consideração que quanto mais caótica é a arquitetura desse texto, mas plural complexa será a mobilização dos gestos de leitura do sujeito-leitor. Por isso, aqui, sugerir apenas um caminho de conclusão do efeito-texto, sem levar em consideração os atravessamentos que implicam sua construção, é ainda mais sério, pois esse cerceamento descaracteriza a própria função social do poema que é a construção de um tônus de alteridade possibilitando a fenomenalização/realização poética através da interação com a multiplicidade de significação que só é concluída pelo sujeito-leitor e seu horizonte de subjetividade, o que reitera a capacidade do indivíduo de reconhecer e lidar com as vozes que lhe constituem como sujeito bem como amplia a sua capacidade de lidar com as diversas vozes que constituem o outro. Esse olhar profundo diante de si

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

e do outro é o que Antonio Candido chama de humanização. Na perspectiva do leitor real, um trabalho profícuo de estímulo à leitura de textos poéticos pode possibilitar o desenvolvimento das habilidades leitoras e, suspeitamos, também das habilidades de articulação de textos dos planos da oralidade e da escrita.

. Entendendo que, no poema, dependendo do grau de complexidade de sua arquitetura, habita um universo multidimensional que só se conclui como significante quando o sujeito-leitor mobiliza, a partir de seu horizonte, os seus referenciais de significação ao passo que constrói outros referenciais através dos novos atravessamentos, é que enxergamos a necessidade de trabalhos no âmbito da sala de aula, e fora dela, que levem em consideração a diversidade de aspectos que aqui foram apontados.

Tendo em vista que as massas arquitetônicas líricas, cuja unidade mínima é o verso, podem dialogar com outros espaços discursivos do campo da arte, como acontece de forma mais frequente com a música e, recentemente, com as artes plástico-pictóricas (poesia concreta), as forças que atuarão na conclusão do efeito-texto serão múltiplas e ligadas a muitos campos da experiência humana. Por isso, um trabalho consistente com o texto de princípio arquitetônico lírico deve pressupor a construção de um arcabouço cultural que pode ser articulado durante o processo de leitura, ou na preparação dela.

Diva Sueli Silva Tavares (2007), em sua tese *Da leitura da Poesia à Poesia da Leitura,* desenvolveu um experimento de leitura de poesia com alunos do ensino médio com o objetivo de investigar como o texto poético enformado em poema é recepcionado por esse público, como ele pode ser trabalhado para construção de referenciais que ampliem o repertório de estratégias de leitura, bem como possibilitem o exercício da afetividade e alteridade. Como resultado de seu experimento, ela chegou à seguinte conclusão:

> O experimento atingiu, portanto, o objetivo proposto: o de mostrar que o ensino de poesia na escola de ensino médio contribui de forma singular para a formação sociolinguística, cognitiva e afetiva dos alunos. Estes adquiriram novos conhecimentos ao aprender a conhecer/reconhecer o gênero textual e estabeleceram relações do texto com seu mundo. A partir das leituras de poesias, adquiriram novas formas de ver e compreender mundo, além de terem aprendido a importância de respeitar e de conviver com o outro. (TAVARES, 2007, p. 189)

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

Não há dúvidas, dessa forma, de que a leitura de textos literários, quando mediados de forma consistente, seja instrumento profícuo de desenvolvimento afetivo e ampliação de visão de mundo. Todavia, tais efeitos são alcançados não só por conta da natureza estética do texto, mas, sobretudo, pelas estratégias de mediação de leitura que se assumem quando, na escolarização do texto literário, o profissional de educação têm consciência da natureza do texto com o qual escolhe trabalhar e isso implica determinar: os tipos textuais que estão presentes em sua arquitetura, o seu suporte de publicização, as intenções de interação que o constituem, a situação comunicativa correspondente a ele e a esfera de atividade humana (domínio discursivo) ao qual ele está vinculado. Saber dos padrões sociocomunicativos que caracterizam os diversos textos faz com que saibamos mais especificamente o porquê de determinados efeitos de compreensão e "Compreender exige habilidade, interação e trabalho" (MARCUSCHI, 2008, p.230). Assim, embora os resultados do experimento da pesquisadora Diva Sueli Silva Tavares (2007) sejam animadores, eles poderiam ser alcançados também através do trabalho de mediação "andaimagem[4]" com outras formas composicionais típicas do domínio discursivo artístico/literário, como o conto ou a novela, por exemplo.

Então por que o trabalho com textos poéticos enformados em poemas é necessário para a formação de um leitor profícuo? Justamente por conta da sua natureza arquitetônica lírica. Ou seja, o poema como forma, para se realizar esteticamente, precisa do conteúdo extra-estético do âmbito discursivo que está relacionado com o todo ético, cognitivo e cultural ambos implicados nos procedimentos que envolverão os atos da pré-leitura, da leitura e da pós-leitura, quando se trata no contexto da sala de aula.

Assim como o conteúdo imanente das formas composicionais de natureza narrativa levam em consideração a construção discursiva que se realiza na ficção, o conteúdo que subjaz a construção do texto de natureza lírica pressupõe uma caoticidade semântica na qual as palavras saem da zona de conforto do reconhecimento significativo de senso comum e passa assumir novos lugares de significação de acordo com os

---

[4] Estratégia de mediação vygotskyana utilizada pela professora durante o experimento. Essa estratégia consiste no suporte que um sujeito mais capaz dá a um indivíduo menos capaz que, aos poucos, vai construindo autonomia diante do processo de interação.

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

atravessamentos que perfazem o arcabouço do sujeito-leitor. Não raro, essa mudança de natureza discursiva das palavras na articulação lírica opera desestabilizações que causam estranhamento no leitor, tanto na superfície linguística quanto no que diz respeito à heterogeneidade discursiva. E essa necessidade de descoberta diante do estranho é o que permite o mergulho do indivíduo em busca de uma âncora de significação que faça as imagens do texto poético emergirem do profundo e vasto oceano de significados que constitui o repertório do sujeito-leitor construído ao longo de sua vida. Nesse sentido, os gestos de leitura que se desenvolvem de acordo com os desvelar das imagens de um poema não podem contar apenas com uma habilidade isolada, mas antes com estabelecimentos de conexões que constituem a complexa rede discursiva que constitui o lírico. "Em suma, ler é mergulhar nessa teia discursiva invisível, constituída de palavras anônimas já-ditas e já esquecidas que constituem um 'corpo sócio-histórico de vestígios' a serem lidos" (INDURSKY, 2001, p. 37).

O MERGULHO E A CANÇÃO

Ao operar uma verticalização no todo que o forma, através do acionamento de diversos gestos de leitura, o sujeito-leitor passa ter autonomia não apenas no que tange à utilização das habilidades que julga adequadas para os procedimentos de leitura de textos de outra natureza discursiva, mas, sobretudo, vai estar em constante metacognição, pois, ao passo que o sujeito-leitor pensa qual procedimento de leitura adota diante do poema, ele amplia seu repertório de estratégias, já que, face a uma arquitetura estética específica articulada por um sujeito-autor específico pertencente a um contexto histórico e cultural singular, o sujeito-leitor, à medida que se relaciona mais com os textos de um poeta, passa a articular procedimentos de leitura que serão concernentes às escolhas estéticas adotadas por ele: eis a interdiscursividade.

Outra característica que amplia as possibilidades diante dos procedimentos de estratégia de leitura de textos poéticos enformados em poemas é a adoção do verso como unidade mínima e melódica do texto, pois quando a base musical do poema reside nas palavras que são utilizadas para sua construção, a leitura pode ser dar tanto através do registro escrito como também pelo registro sonoro. Um fenômeno interessante para

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

avaliarmos a força melódica na construção de poemas é pensarmos, por exemplo, que pessoas, na tradição cordelística, desenvolvem habilidade de construir poemas narrativos não de lê-los, mas de ouvi-los, contando com outros letrados para o registro de suas criações. Nesse âmbito, os atravessamentos discursivos se dão nos planos da melodia, do conteúdo e da forma composicional, tendo em vista que a internalização das estruturas discursivas se fenomenalizarão nesses três âmbitos. Essa relação interdiscursiva no âmbito da poesia a qual nos referimos com a exemplificação anterior se dá desde a antiguidade clássica em que os poemas, normalmente epopeias, eram acompanhados de instrumentos musicais e cantados pelos aedos ou rapsodos. Seguindo-se a essa tradição, temos os bardos celtas e os trovadores medievais. Com a popularização da imprensa e dos cursos de letramento, a experiência leitora com textos poéticos enformados em poemas, hoje, se dá predominantemente por meio da modalidade escrita. Todavia, quando há marcação de força melódica simétrica ou descontínua no processo de construção formal do poema, tal melodia aciona mecanismos de cognição que dão ainda mais profundidade ao conteúdo poético favorecendo a contemplação e a dança das imagens.

Importante também salientar que a percepção imagética articulada através de um poema se dá de forma arbitrária por parte do sujeito-leitor e seu todo discursivo. Por isso quando os professores e manuais didáticos procuram cercear a interação sujeito-texto através de uma abordagem que aponte para um único viés de leitura, ele se torna árido. É como tirar uma fotografia de um pássaro e considerar que a imagem é o próprio pássaro, e não um momento de seu voo. Eis a urgência da mudança de uma visão em torno do texto: a fotografia do pássaro é a noção ilusória de homogeneidade, testemunhar o seu voo e internalizá-lo como fenômeno é tê-lo vivo dentro de si. Essa internalização não se dá da mesma maneira para todos os sujeitos. A captação da imagem testemunhada é arbitrária e heterogênea.

Considerar a música do poema na experiência leitora é também uma excelente oportunidade para proceder diálogo do texto poético com textos de outros campos discursivos e isso pode ser articulado tanto antes da abordagem do texto quanto depois dela. Possibilitar que os sujeitos-leitores sugiram processos de intertextualidade também é uma forma muito fecunda de ativar os referenciais necessários para interação com o

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

texto poético, assim como também é produtivo estimular a autonomia dos envolvidos nos processos de busca das âncoras de significação. Primeiro, oportunizando um relacionamento subjetivo e autônomo com o poema, depois construindo um caminho de percepção que conduza o sujeito-leitor à ciência de que ele é o ator no mergulho que o texto poético pede. Compartilhadas as percepções, e dadas as liberdades ancoradas nos processos de construção imagética e discursiva, poeta poesia e leitor voarão para fora da asa, como recomenda Manoel de Barros.

ABSTRACT: in this article, we are going to discuss how the multiple discursive references affect directly on the reading gestures in poetics texts that are performed through the poem. Based on the questions raised by Freda Indursky (2001) in the second chapter at *A Leitura e a escrita como práticas discursivas* about discursive heterogeneity in the reading practices, the description of poetry and poem in Octávio Paz, *O arco e a lira* (1982), and the clarifications about aesthetic in the literary field from Bakhtin at *Estética da criação verbal* (2003) and *Questões de Literatura e Estética* (2010). According to the presented, we aimed to design an analytical path that seeks: to raise the necessity of an aesthetic and discursive approach in the reading of poems in contemporaneity, to discuss how the specificity of the discursive architecture in the aesthetic / literary plane with respect to heterogeneity, and finally to recognize how the typical musicality of this textual form can support the construction of a humanizing cultural framework, while the reader organizes and disorganizes the poematic materiality to internalize it and to fill himself with poetry.

Keywords: Poem. Reading. Discourse Analysis. Aesthetic Theory.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. ***O que é o contemporâneo ? E outros ensaios***. trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALVES, José Helder Pinheiro. ***Caminhos da abordagem do poema em sala de aula***. João Pessoa: Graphos, v. 10, n. 1, 2008 – ISSN 1516-1536. Disponível em: http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/4299/3250 , acesso em 04/08/2016.

BAKHTIN, Mikhail. ***Estética da criação verbal***. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. ***Marxismo e Filosofia da Linguagem***. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017

BAKHTIN, Mikhail. ***Questões de Literatura e de estética – a teoria do romance***. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 6ª ed., São Paulo: Hucitec editora, 2010.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura, *in* ***A leitura e a escrita como práticas discursivas***, org. Aracy Ernst-Pereira e Susana Bornéo Funck. Pelotas: EDUCAT, 2001, p. 27 – 42.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. ***Produção textual, análise de gêneros e compreensão***. São Paulo : Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni P. ***Análise do discurso: princípios e procedimentos***. 10ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PAZ, Octávio. ***Los hijos del limo***. Barcelona: Talleres Gráficos HUROPE, 1990.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira.** Trad. Olga Salvary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

STAIGUER, Emil. ***Conceitos fundamentais de poética***. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1977.

TAVARES, Diva Sueli Silva. ***Da leitura da Poesia à Poesia da Leitura: a contribuição da Poesia para o Ensino Médio*** / Diva Sueli Silva Tavares, - Natal, RN, 2007. 300f. Disponível em: http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/14112 , acesso em 04/08/2016.

Recebido em: 30 abr. 2017
Aprovado em: 01 jul. 2017